

AS CRIANÇAS E O FUTEBOL EM CATINGUEIRA - PB: VALORES COMUNITÁRIOS ENSINADOS A PARTIR DO ESTÁDIO VOVOZÃO

CHILDREN AND FOOTBALL IN CATINGUEIRA - PB: COMMUNITY VALUES TAUGHT FROM THE STADIUM VOVOZÃO

LOS NIÑOS Y EL FÚTBOL EN CATINGUEIRA - PB: VALORES COMUNITARIOS ENSINADOS A PARTIR DEL ESTADIO VOVOZÃO

Antonio Luiz da Silva

tonlusi@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

O futebol, como elemento importante da cultura brasileira, tem adesão em todas as gerações, gêneros, posições políticas e classes sociais. Por sua relevância alguns pensadores vêm tomando-o para leituras de várias facetas da nação. Neste artigo, partindo da perspectiva etnográfica, em diálogo interdisciplinar, destacando-o como ferramenta cultural para a formação infantil, refletiremos sobre alguns elementos que as crianças retiram dele para o aprendizado de valores, atitudes e regras importantes para sua comunidade. Concluiremos que à beira do gramado as crianças podem se apropriar de normativas sociais, às vezes reformulando-as, favorecendo assim sua convivência comunitária.

Palavras-Chave: Aprendizagem; Crianças; Futebol; Regras Sociais

ABSTRACT

Football, as an important element of Brazilian culture, has membership in all generations, genres, political positions and social classes. By their relevance some thinkers have been taking it for readings of many facets of the nation. In this article, starting from the ethnographic perspective, in interdisciplinary dialogue, highlighting it as a cultural tool for children's formation, we will reflect on elements that children take from it to learn values, attitudes and rules important to their community. We will conclude that from the football the children can appropriate social norms, sometimes reformulating them, favoring their community coexistence.

Keywords: Learning; Children; Football; Social Rules

RESUMEN

El fútbol como elemento importante de la cultura brasileña tiene adhesión en todas las generaciones, géneros, posiciones políticas y clases sociales. Por su relevancia algunos pensadores lo tienen tomando para lecturas de muchas facetas de la nación. En este artículo, partiendo de la perspectiva etnográfica, en diálogo interdisciplinario, destacándolo como herramienta cultural para la formación infantil, reflexionamos sobre elementos que los niños retiran de él para el aprendizaje de valores, actitudes y reglas importantes para su comunidad. Concluimos que a partir del fútbol los niños pueden apropiarse de normativas sociales, a veces reformulándolas, favoreciendo así su convivencia comunitaria.

Palabras Clave: Aprendizaje; Niños; Fútbol; Reglas Sociales

1 Introduzindo a Questão

Visto como um fenômeno cultural multifacetado, o futebol brasileiro tem alimentado o imaginário acadêmico em diversas áreas do conhecimento, seguido por metodologias as mais diversas possíveis, tanto nas ciências humanas quanto nas sociais, muitas vezes servindo como pano de fundo para o aprofundamento de diferentes realidades nacionais. Assim, ele tem sido importante para a compreensão da cultura e da identidade da nação (DAMATTA, 1994); vem sendo encarado como espetáculo das massas, a partir de onde se investiga a crença no dom/talento para jogá-lo (DAMO, 2005); tem contribuído para a explicitação da violência entre as torcidas organizadas (PIMENTA 2000); vem mobilizando a imprensa esportiva, revelando o papel desta como discurso formador de opinião (GASTALD, 2005, GUEDES, 2011); tem se tornado relevante para o debate em torno das questões de gênero (LEÓN, 2009; KESSLER & ZANINI, 2013); vem servindo para que seja possível se pensar o movimento financeiro no entorno da circulação internacional de nossos craques (RIAL, 2009). Além disso, podem ser destacadas tanto a sua utilidade como recurso animador de possíveis projetos de vida para alguns filhos das camadas mais empobrecidas (SOUZA, BARTHOLO & SOARES, 2008) quanto a sua função como atividade pedagógica (REIS, 2010), isso para considerar apenas algumas de suas nuances.

Se toda essa reflexão não estiver equivocada, podemos legitimamente seguir acreditando na ‘inesgotabilidade’ desse esporte para a prática de análise no mundo acadêmico. Isso aceitando, neste artigo consideraremos o futebol, incluindo nele as crianças, reconhecendo a sua importância para a formação desse seguimento etário populacional, especialmente no que se refere ao aprendizado cultural de algumas regras de conduta na vida comunitária. Essa mirada tem por si sua importância, pois na cultura brasileira, desde muito cedo, como afirmam Cavichioli et al (2011, p. 631): “[...] as crianças recebem bolas e uniformes de times, são incentivadas a assistir partidas de futebol pela televisão e a frequentar estádios”. Nesse sentido, o futebol acaba funcionando como ‘componente pedagógico’, como uma ‘ferramenta de cultura’ desde a mais tenra existência infantil, dado que pode, a olho nu, ser fartamente confirmado. Ainda nas palavras Cavichioli et al (2011, p. 631): “Quando se aprende a andar, aprende-se a jogar em qualquer lugar onde uma bola possa, ou não, rolar, quicar e ser chutada”. Essa realidade é tão marcante que muitos pais nem precisam ser fanáticos pelo esporte para imaginar que seu filho poderá gostar de futebol.

No que tange ao aprendizado de valores culturais é verdade que em muitas ocasiões as gerações mais velhas controlam e submetem as mais novas, impondo a elas as suas convicções. Porém, é bom não perder de vista que o aprendizado de valores culturais comunitários não é um evento em que as pessoas podem, facilmente, ser colocadas numa posição de total passividade. Por isso, entendemos que na escola, na igreja, na família ou mesmo num campo de futebol o aprendizado das normativas de uma cultura acontece

em intercâmbio, amistoso e/ou conflituoso, envolvendo tanto camadas mais velhas da comunidade quanto grupos de mesma idade ou grupos de pares. Nas exigências do próprio processo muitas negociações poderão ser acionadas, gerando inúmeros aprendizados coletivos, diríamos até que para todos os grupos, tanto para os novos quanto para os mais velhos.

É interessante pontuar que o processo do aprendizado dos valores coletivos não acontece por um acaso terrível do destino, mas vale-se dos instrumentais elaborados sob formas culturais históricas. O futebol tem mais de um século entre nós. Faz parte de nossa cultura. Embora não esteja falando especificamente de futebol, aqui comungamos com aquilo que afirma Rose Moro (2010, p. 17): “Cada cultura organiza os métodos que permitem à infância adquirir as competências intelectuais e sociais, o saber e o saber fazer que ela valoriza”. Nesse sentido, no estádio de futebol – espaço do brincar, do lúdico, do lazer – invariavelmente as crianças estão se beneficiando dos serviços da cultura esportiva, os quais parecem funcionar como ‘ferramentas’ para a aquisição de competências intelectuais, de apropriação de normas sociais e de condutas morais através das práticas que se desenrolam nele.

É válido mostrar que nessa compreensão não nos encontramos pensando sozinhos. Para Filgueiras (2005, p. 99-100): “Muitos pais deveriam ser avisados de que o papel do esporte na infância não é somente técnico, visando a formação de atleta; pelo contrário, a formação humana e a capacitação da criança é função do esporte na infância”. E, além disso, hoje, de acordo com Almeida (2011, p. 109): “[...] o esporte é indispensável na formação do homem e na vida em sociedade, uma vez que se tornou matriz de socialização e transmissão de valores, forma de sociabilidade moderna, instrumento de educação, bem como de discussão teórica”. Sendo assim, na formação humana e na capacitação da criança podemos incluir a possibilidade dela aprender coisas importantes para seu convívio comunitário através do esporte. Pois o esporte, segundo Aquino (2010, p. 138): “[...] traz consigo ensinamentos que podem ser levados para a vida, e agrega valores como confiança, respeito, cooperação, responsabilidade, entre outros. A interação com novas pessoas pode provocar mudanças a nível pessoal e coletivo”. Logo, estar com os pares e com os adultos pode, sim, auxiliar nesse processo, que é recíproco.

Nas discussões estabelecidas abaixo, além de vê-lo como ferramenta cultural, faremos um esforço ainda para enxergar o estádio como um espaço pedagógico de compartilhamentos de saberes entre gerações. Demonstraremos que a partir dele as crianças vão se apropriando das regras valorizadas por suas comunidades, transformando-as em aprendizados importantes para suas vidas e para o convívio social.

2 O Campo de Pesquisa e o Método

O campo da pesquisa que ocasionou este artigo – a cidade de Catingueira – encontra-

se na região sertaneja no Nordeste do Brasil, no Estado da Paraíba. Tendo menos de 5.000 habitantes, sua população pode ser considerada pequena, mas está distribuída numa vastidão territorial de aproximadamente 529,46 km². Trata-se de uma comunidade urbana muito pacata, onde as pessoas ainda podem se assentar nas calçadas em longas conversas noturnas.

Do ponto de vista econômico, Catingueira é majoritariamente pobre, mas não é miserável no tradicional sentido que o imaginário nacional parece impor para quase todo sertão (SILVA, 2017).

Fora das grandes festas e eventos municipais – principalmente a Festa de São Sebastião, o padroeiro; o João/Pedro, uma espécie de festejo junino fora de época; e o tempo forte da política, especialmente as eleições para prefeito e vereador – a cidade não tem muitas opções de lazer, além do passeio ecológico para a Serra da Catingueira, do jogo de futebol diário, da frequência às igrejas, dos banhos de açudes e da piscina pública, esta ultimamente esvaziada por conta da seca que tem preocupado a região na última meia década.

É preciso esclarecer que nenhuma de nossas idas à Catingueira foi para analisar questões ligadas ao futebol infantil. Porém, uma vez sob a égide da Etnografia, utilizando a Observação Participante, naquela indicação de Carlos Brandão (2007) de ir a todos os lugares do campo, acabamos encontrando com o “Vovozão”, o estádio de futebol municipal¹. E apesar de não jogarmos nem com as crianças nem com os adultos, chegávamos ao estádio por volta das 15:30h. As crianças já lá estão. Dependendo do sol, nos posicionava ora debaixo da latada (uma espécie de cabana de palha de coqueiros) ora nas arquibancadas. Somente depois das 16:30h apareciam os adultos e ficavam um pouco mais de uma hora. Estes, após um curto tempo de aquecimento conjunto, tangiam as crianças para as margens do gramado. E era partir da/na beirada do estádio que elas desenvolviam seus jogos, com seus inúmeros arranjos situacionais, em diferentes pequenos jogos amistosos, organizando-se com a sabedoria própria da faixa etária em que estão vivendo. Saíamos sempre do estádio próximo das 18h, quando as crianças iam embora, muitas vezes depois dos homens, quando o sol já havia desaparecido no firmamento.

Do que temos observado, há sempre um número em torno de 20 crianças, podendo ser até um pouco mais. Geralmente ficavam dispostas em três ‘pequenos times’ principais, dois atrás das traves e um ao lado da arquibancada. Os times das crianças faziam-se e se desfaziam com a velocidade do humor que as envolvia com os interesses que as moviam.

¹ Nosso primeiro contato com o campo de futebol em Catingueira deu-se em 2012, mas temos ido a ele todos os anos até 2016. Este artigo, embora seja originário desse primeiro contato, vem se ampliando com novas observações. É importante também destacar que o referido campo tem sido espaço de pesquisa de diversos autores até o presente.

3 Comentando os fatos observados à beira do gramado

Como afirma Mudado (2008, p. 20): “Ao brincar, a criança não apenas adquire novas habilidades ou conhecimentos, ela reconstrói a vida em sociedade e se apropria dela”. Partindo de nosso campo investigativo, temos visto as crianças de Catingueira se apropriarem, brincando ao redor do estádio de futebol amador, de uma incomensurabilidade de coisas importantes para suas vidas. Abaixo destacaremos alguns desses aprendizados.

3.1 O futebol ensina às crianças a importância das regras

Todos os pesquisadores da infância aceitam que os jogos são importantes para o desenvolvimento das crianças. Os jogos contêm a essência da vida lúdica derramada em brincadeiras. Não sem motivos, para o grande Piaget (1994, p. 23): “Os jogos infantis constituem admiráveis instituições sociais”. Mas os jogos não são apenas relevantes para os pesquisadores. Também as crianças desenvolvem por eles e por aquilo que eles representam um enorme apreço, um respeito e uma predileção quase que exclusivos e primordiais.

Do que vimos às margens do gramado, mais do que em qualquer outra faixa etária, na infância as regras podem ser adquiridas por meios das brincadeiras. Aliás, não existe brincadeira que não contenha a sua regra, mesmo que ela não seja fixa e imutável. Como pensava Vigotski, (2008, p. 27): “Parece-me até possível admitir a hipótese de que não existe brincadeira em que não haja comportamento da criança submetido a regras, uma relação singular da criança com as regras”. Do que percebemos, os pequenos sabem quando acontece um escanteio, quando a bola sai de campo, quando alguém comete uma falta. E exige que o grupo inteiro se submeta. Na cobrança de pênaltis eles sempre sabiam indicar um para cada lado. No tempo que tinham para jogar, acabavam indicando quem deveria ir para o gol, se não houvesse um voluntário de imediato. Era importante que cada posição estivesse ocupada para que o jogo se desenvolvesse. Além disso, sabiam apontar quem iria jogar vestido ou quem iria ficar sem camisa. Era importante que tudo estivesse organizado. Demarcavam o campo com suas sandálias e as traves poderiam ser estabelecidas por duas pedras de cada lado.

Entendemos que é a partir das brincadeiras infantis que as crianças vão assimilando seus códigos de conduta, se acomodando às normas, mesmo quando complementando-as e/ou transformando-as. Mas é importante dizer que isso não é pacífico. De fato, ouvimos o Davidson (9 anos) reclamar de sempre ser ele quem deveria pegar a bola quando esta saía do espaço. E, por sua queixa, o cabeça do time ordenou o revezamento. A regra não foi quebrada, foi ampliada, ajustada.

Não podemos aqui defender inocentemente que a submissão às regras sociais, no processo de aprendizado infantil, se apresenta para uma criança como uma coisa simples de ser assimilada. Segundo Vigotski (2008, p. 32): “Normalmente, a criança vivencia a submissão à regra na recusa daquilo que quer fazer, mas, nesse caso, a submissão à regra

e a recusa de agir por impulso imediato é o caminho para a satisfação máxima”. Pelo tom aborrecido do Davidson (9 anos) acima mencionado, ele poderia ter rompido com o grupo e ido embora para sua casa. Mas não o fez. Provavelmente aprendendo a refrear suas vontades, na obediência ao seu grupo, ganhos significativos acabou obtendo. Nesse aspecto concordamos com a reflexão de Mudado (2008, p. 21): “O conteúdo dos jogos protagonizados evolui com o pensamento para a compreensão das regras de relação entre as pessoas e se converte, pela brincadeira, em uma fonte do desenvolvimento moral da criança”. Assim a vida social no gramado é dramatizada com a implicação e a obrigação de se estender para além dele.

3.2 O futebol ensina às crianças que nem tudo está à sua disposição

Em muitas ocasiões os meninos nos mostraram que o estádio era um ambiente muito apreciado por aqueles que gostavam de futebol. No entanto, notamos que o espaço central do gramado era reservado especialmente aos adultos. As crianças só podiam ocupar o centro do gramado no aquecimento comum ou na hora do intervalo dos jogos. Os homens, com seus ‘jogos de verdade’, acabavam tangendo as crianças para as margens do estádio, como se os jogos delas fossem ‘jogos de mentirinha’.

Essa situação um tanto constrangedora, que poderia soar como uma ofensa ou como uma negação de direitos infantis, acabou sendo ao nosso entendimento posterior uma das grandes lições que as crianças aprendiam à beira do gramado. Estava claro que nem tudo elas podiam fazer, tanto no campo quanto na vida em sociedade. A vida tem limites. Embora não ficassem de mãos atadas, as crianças aceitavam isso.

Não deixar que as crianças ocupassem a parte principal do gramado é uma prática bastante antiga em Catingueira. Contou-nos Tiago (22anos) que na sua infância fugia da escola para jogar futebol, mas ao chegar ao campo era ‘expulso’ pelos homens que o consideravam muito pequeno. Tiago precisou chegar à adolescência para que os homens comesçassem a ver seu ‘desempenho’. Mais tarde, em algumas situações, quando o mesmo, por ainda não trabalhar, não tinha dinheiro, eles passaram inclusive a dispensá-lo do pagamento a que todos estão obrigados nos jogos amadores dominicais. Hoje o referido rapaz é jogador profissional em um time da região, o que representa grande orgulho para o município. Porém, para ele não foi nada fácil conseguir respeito no meio de seu próprio povo.

É claro que muitas justificativas poderiam ser usadas para explicar a ação dos homens em relação às crianças na hora do jogo no centro do gramado. Em primeiro lugar, poder-se-ia alegar que existe nesse ato um motivo prático. Não daria para deixar adultos e crianças jogando futebol nos mesmos espaços sem riscos dos pequenos se machucarem gravemente. Contudo, é preciso que se diga que a segregação de crianças no campo de futebol catingueirense acaba sendo uma solução confortável apenas para os adultos. Em segundo lugar, é necessário não perder de vista o adultocentrismo grassante em grande parte das políticas públicas, o qual nem sempre se faz sensível às necessidades de todos os grupos etários e/ou minoritários. Conforme informações que obtivemos junto a um dos

responsáveis pela pasta de esporte no município numa das ocasiões, em Catingueira não havia política de esporte para crianças, nem para adultos, mas estes últimos acabavam tendo a preferência no uso do gramado.

3.3 O futebol ensina que é preciso conquistar e negociar com o coletivo

Com a entrada dos homens em campo, as crianças não apresentavam resistências, nem se faziam de rogadas, ao menos não tivemos ocasião de registrar nenhuma ação apelativa. Elas retiravam-se para os espaços marginais e lá faziam suas escolhas, seus aprendizados e seus jogos, alguns dos quais continuando na imitação daquilo que viam os adultos fazerem. Mas não só, e aqui está algo interessante desta observação. Como nem sempre existiam elementos suficientes, elas reinventavam as lógicas do jogo em muitas ocasiões, reformulando a relação com o número dos participantes, conquistando a liberdade de montar e desmontar uma equipe, determinando quem podia ou não jogar, negociando arranjos com o dono da bola, trocando as posições das traves (SILVA, 2013; SILVA, 2015).

Não nos foi possível perceber, nem apareceu nas conversas, se as crianças se sentiam excluídas por jogarem num espaço que não era o central. Além disso, também não pudemos compreender se elas, de alguma forma, jogando pelas beiradas, se sentiam incluídas num local tão especial para a maioria dos homens da cidade. Aliás, era o que lhes era possível. Contudo, por seus atos elas nos indicaram quão importante era a inventividade na manutenção permanente de uma ‘vivência e exposição pacíficas reivindicativas’, conservando-as sempre presente, por muito tempo, até que o intento fosse ouvido e atendido, claro, com o correr da idade.

Além disso, frequentemente vimos crianças fazendo negociações à beira do campo. Para a realização de seu intuito de jogar bola na parte central do estádio, mesmo que por alguns poucos minutos, elas aceitavam guardar os pertences dos jogadores adultos, suas carteiras, suas roupas, suas sandálias. Da mesma forma, para a obtenção daquilo que queriam, elas se esmeravam em arranjos entre seus próprios pares, aceitando a imposição de jogar num time e não em outro, com uns colegas e não com outros, com ou sem camisetas. Existia inclusive a negociação com o dono da bola, e quando ele faltava duas ou três crianças, geralmente as mais achegadas a ele, podiam ir à sua casa para pegar a bola.

Para Vargas e Galvão (2007, p. 267): “É indubitável que o jogo como prática desportiva é capaz de proporcionar múltiplas formas de compreensão do contexto social pela criança”. Talvez por isso, muitas vezes, quando almejavam ampliar seus espaços de futebol, elas iam para uma quadra velha, sem reclamar e sem apelar para ninguém. Nessas ocasiões, elas levavam vassoura, rodo, pás e iam limpando-a, cada vez um bocadinho. Elas sabiam que não podiam contar com a prefeitura. Na opinião delas, os homens da prefeitura só visitavam a quadra velha para “bater foto”, mas nunca consertavam o estrago.

Não é assim na vida social? Toda vida coletiva não é uma arena de disputa, negociação, conquista e também de perdas?

3.4 O futebol ensina a rechaçar o comportamento briguento na vida comunitária

Podemos pensar que no campo de futebol, ambiência onde o sangue humano é posto a ferver como num caldeirão em chamas, envolvendo disputa, autoexposição, conflitos, rixas atléticas, empenho, desempenho, busca pela vitória..., pedir às crianças que evitem brigas durante uma partida seria uma quimera. No entanto, os pequenos atletas falam dessa questão entre si, não discordando dessa determinação. Aliás, como que reforçando essa normativa, durante a pesquisa, tendo ido todos os dias ao estádio, não vimos nenhuma briga, nem entre os homens nem entre as crianças. É claro que elas podem certamente existir, mas não são, de nenhuma forma, encorajadas ou apoiadas a partir do gramado. De um modo geral, nas situações em que por algum motivo se perde controle e o ato esportivo descamba para pancadarias, caneladas, cotoveladas ou para uma violência mais acentuada, a crítica é feita automaticamente: “Quem não sabe brincar não deve vir ao campo”, nos disse João (12 anos).

Contudo, embora não tenhamos presenciado brigas, como no resto do mundo esportivo, em Catingueira se vaia, se xinga e se diz palavrões à beira do campo (SILVA, 2015). Porém, a linha da permissividade parece que vai parando por aí. É como se existisse no campo de futebol uma espécie ‘oculta de sacralidade’ que não fica bem macular com uma confusão ou com uma desordem qualquer que seja. De certo, tanto entre os homens quanto entre os meninos de Catingueira - PB, o futebol é quase um brinquedo sagrado, revelado num ambiente de sociabilidade no qual a violência não combina.

Além do mais, se as brigas não são toleradas, o comportamento briguento também não o é. É importante frisar que ter comportamento briguento não significa necessariamente viver se envolvendo em/ou praticando briga, no sentido de sair na tapa. Mas revela-se numa espécie de pré-briga, ou numa briga não começada. Assim, notando que alguns meninos eram preteridos nos times que os pequenos armavam pelas beiradas do gramado, ficando como que escanteados, mesmo alguns ‘bons de bola’, fomos indagar o motivo aos organizadores, todos diziam, unísono: “Ele acanalha ou aquele gosta de acanalhar”². Acanalhar parece ser sinônimo de desmanchador dos prazeres dos jogos alheios. Para Bernardes (2005, p. 46): “O jogador que desobedece às regras é chamado de “desmancha-prazeres”, pois destrói o mundo mágico e esta figura é mais nítida nas brincadeiras infantis”. Dessa forma as crianças de Catingueira aprendem desde cedo que brigar no campo é uma coisa feia, e mais grave: é um ato que não deve nunca acontecer. A ideia é bastante clara: ou o brincante se submete ou não brinca. Portanto, nem tente acanalhar ou desmanchar o prazer do grupo.

² Acanalhar é propriamente um termo aplicado àqueles meninos que são “confuseiros”, “bagunceiros”, “baderneiros”, “arruaceiros”, que fazem desordem por tudo, que não respeitam muito bem a hierarquia e as regras institucionais do jogo.

Por essa razão temos comungado com a ideia de que o jogo – expresso no brincar, nos brinquedos e nas brincadeiras infantis – tem sido, tradicionalmente, reconhecido como promotor de vivências comunitárias, como articulador de sociabilidades. Aliás, para Negrine (1995, p. 9): “Através do jogo, a criança aprende, internaliza novos comportamentos, verbaliza, entra em comunicação com os demais e, conseqüentemente se desenvolve”. Se desenvolve de uma maneira saudável e responsável.

3.5 Tão importante quanto obedecer e respeitar as autoridades é se submeter aos pares

Em Catingueira os jogos amadores, tanto dos homens quanto dos meninos, podem funcionar sem a presença de um juiz ou dos bandeirinhas. É claro que este arranjo social deve estar presente em muitos espaços do futebol em outros lugares. Contudo, para que isso ocorra, há códigos rígidos aos quais todos têm de obedecer para que a organização e a ordem não descambem para a encrenca.

Assim, quando um ato considerado faltoso é cometido, qualquer jogador que tenha visto a ilicitude ser perpetrada pode levantar a voz para dizer: “parou”. De fato, o jogo estanca, discute-se um pouco, cobra-se a falta e a partida continua em seu desenrolar. Quando a bola sai do gramado ou do espaço delimitado do campo, chutada por um jogador qualquer, um membro do outro time pode reivindicar: “É nossa”, ou “Fora nosso”, cobra-se o arremesso manual e toca-se a partida.

Se um jogador realizar um gol, estando impedido, e alguém observar, mesmo que reclamem, não havendo juiz, o time inteiro tende a aceitar que o gol não valeu. Ninguém, em sã consciência, parece querer quebrar essa norma. Em caso semelhante, ao invés de se levar a bola para o centro do campo, o próprio goleiro é quem chuta a bola, fazendo a partida seguir seu curso normal. Todos parecem saber gritar “impedido”, “falta”, “pênalti”, “escanteio”, “barreira”, etc.

Pareceu-nos que as crianças aprendem as regras do jogo desde muito cedo, e acabam funcionando como se fossem técnicos, juizes, treinadores e jogadores simultaneamente. É significativo que todos os jogadores tenham legitimidade para esse tipo de exercício de arbitragem.

Muitas vezes vimos o jogo estacionar apenas por um simples ‘parou’. Aliás, um ‘parou’, dito de forma enfática, indica que a partida tem de parar e ponto final. O ‘parou’ é sempre gritado num tom masculino e autoritário, sendo, muitas vezes, expresso num ‘parou caralho’, ‘parou porra’ ou em expressão ainda mais carregada. Como uma autoridade, aquele que grita ‘parou’, parece não temer que sua voz não seja compreendida. O ‘parou’ tem simbolicamente o poder do apito do juiz, só que não soprado pelo juiz. A discussão pode até ser acalorada, porém, no geral é obedecida, sem negociação contrária, nem que tenha de descer goela abaixo.

Desse modo, o comportamento de obedecer aos colegas quando não há nenhum juiz está presente tanto entre os homens quanto entre os meninos. Logo, obedece-se e respeita-se primeiro aos pares, depois às autoridades. Como afirma Vigotski (2008, p. 28-

29): “Algumas regras surgem na criança [...], pela influência unilateral do adulto sobre ela. Outras [...], pela colaboração mútua do adulto com a criança, ou das crianças entre si; a própria criança participa do estabelecimento delas”. Quem disse às crianças que tinha de ser assim? Parece-nos que foi a própria cultura.

Ao dizer que as crianças obedecem às regras no futebol não significa que elas não as modifiquem nunca. Como refletem Pinto e Lopes (2009, p.863-864): “Quando brinca, a criança manipula as imagens, as significações simbólicas que estão imbricadas na impregnação cultural e não apenas desenvolve comportamentos que são os prescritos pela cultura e subcultura a que está submetida”. Afinal elas muitas vezes participam de sua invenção.

De qualquer forma, dizendo penteado e harmonioso desse jeito mais parece uma versão de pesquisador, porque, sem dúvida, esse não deve ser para uma criança pequena um aprendizado fácil de ser alcançado. Claro que estamos baseando nossa fala na observação de crianças em idade escolar (07-12 anos), talvez se fossem crianças menores a lógica seria outra. É bem provável que aquilo que vimos, solidificado, tenha sido já fruto de longa negociação e tenha sido a melhor solução encontrada, como resultado de um longo aprendizado coletivo transmitido de uma geração a outra, com margens mais ou menos negociáveis.

4 Uma reflexão para finalizar

Do modo como está estabelecido no imaginário cultural brasileiro, o futebol tem se constituído um evento de múltiplas riquezas acadêmicas e observacionais. Num gramado modos de vida são descortinados, sonhos são imaginados e lições diversas podem ser apreendidas. Partindo da perspectiva etnográfica também para nós o futebol representou uma ocasião singular. Procuramos vê-lo enquanto ferramenta de mediação cultural no caminho do aprendizado infantil e na aquisição de algumas normas sociais no grupo intergeracional, envolvendo os meninos e os homens. O futebol ensina valores, condutas socialmente aceitas, corrige, incentiva, promove sociabilidades, impõe, propõe preceitos éticos, exercitando entre várias coisas, o conviver, a ação comunitária, o respeito e a aceitação às regras, etc.

No campo, por exemplo, as crianças aprendem primeiro a obedecer e a valorizar as regras do grupo de iguais, antes mesmo de serem obrigadas a respeitar as autoridades oficiais constituídas e isso, no mínimo, complementa a instrução doméstica e escolar. Pensando do ponto de vista do processo civilizatório, sem dúvida, a submissão às regras do grupo de iguais pode representar uma sábia normativa; pois o que seria da vida social se somente respeitássemos as autoridades constituídas – policiais, padres, professores, juízes – e não desenvolvêssemos nenhum laço de camaradagem entre nós, entre aqueles que nos são iguais em termos de poderes políticos?

Para nossa compreensão, depois dessa experiência do gramado, o estádio representa uma maneira eficaz de se ensinar uma regra social a uma criança, tanto porque

promove o confronto dela com os adultos quanto com seus próprios pares. Um adulto, está claro, pode criar uma regra e impô-la a uma criança e frequentemente o faz com algum sucesso. No entanto, a eficácia dela na vida da criança só se consolida pelo medo, pela hierarquia do poder, não pelo limite negociado por meio do grupo de iguais. Assim, a educação feita de maneira coletiva pode ser muito relevante, no sentido de duradoura e extensiva intergeracionalmente falando.

Referências

ALMEIDA, Marco. B. O esporte como matriz da sociabilidade espontânea: um olhar pelo referencial habermasiano. **Revista da ALESDE**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 100-110, setembro, 2011.

AQUINO, Giselle B. O esporte como elemento socializador e formador de crianças e jovens. **Revista Científica da Faminas** – v. 6, n. 2, maio-ago, 2010.

BERNARDES, Elizabeth Lannes. Jogos e brincadeiras: ontem e hoje. **Cadernos de História da Educação** - nº. 4 - jan./dez. 2005.

BRANDÃO, Carlos R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Cultura e Sociedade**, V 10, Nº 1, Jan/Jun, p. 11-27, 2007.

CAVICHIOILLI, Fernando R; CHELUCHINHAK Aline B; CAPRARO, André M; MARCHI JUNIOR, Wanderley; MEZZADRI, Fernando M. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, n.4, p.631-47, out./dez. 2011.

DAMATA, Roberto. Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado do futebol brasileiro. **Revista da USP**, n. 22. 1994.

DAMO, Arlei S. **Do Dom à Profissão**: Uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. PGAS/UFRS) – Porto Alegre, 2005.

FILGUEIRA, Fabrício M. **Objetivos dos pais em relação a prática do futebol na iniciação**. R. Min. Educ. Fís., Viçosa, v. 13, n. 1, p. 96-110, 2005.

GASTALD, Édison. **Crônicas da pátria amada**: futebol e identidades brasileiras na imprensa esportiva. **Antropolítica**. Niterói, n. 19, p. 147-163, 2. sem. 2005.

GUEDES, Simoni L. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. **Esporte e Sociedade** ano 6, n.16, Nov.2010/Fev. 2011.

KESSLER, Cláudia S; ZANINI, Maria Catarina C. O predomínio de masculinidades: narrativas de jogadoras de futebol do interior do Rio Grande do Sul (Brasil) nos anos 1980. **Esporte e Sociedade**. Ano 8, n 22, set. 2013.

LEÓN, Adriano A. G. Bola no pé e caneta na mão: futebol e direito em busca do falo perdido. **Política & Trabalho** (UFPB. Impresso), v. 1, p. 25-38, 2009.

MORO, Marie Rose. **Grandir en situation transculturelle**. Temps d'Arreter Lectures. Bruxelles: Yapaka.be. 2010.

MUDADO, Tereza H. A brincadeira como educação da vontade: cumprir as regras é a fonte de satisfação. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**. Nº 11. Junho. 2008.

NEGRINE, Airton. Concepção de jogo em Vygotsky: Uma perspectiva pedagógica. **Movimento** - Ano 2 - N. 2 – Junho, 1995.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. Trad. Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

PIMENTA, Carlos Alberto M. Violência entre torcidas organizadas de futebol. São Paulo **Perspectiva**. vol.14, n.2, pp. 122-128, 2000.

PINTO, Tatiana O; LOPES, Maria de Fátima. Brincadeira no espaço da rua e a demarcação dos gêneros na infância. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez**. juv 7(2): 861-885, 2009.

REIS, Davi Lucas C. **A criança na iniciação ao Futebol**. (Monografia) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Belo Horizonte – MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

RIAL, Carmen. Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol. **Antropologia em Primeira Mão**: 109/2009:1-24. PPGAS/UFSC, 2009.

SILVA, Antonio L. Jogando pelas beiradas: sobre o vivido de meninos e homens num estádio de futebol em Catingueira – PB. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 22, p. 103-117.

SILVA, Antonio L. Ao som dos “palavrões e nomes feios”: A inserção das crianças no universo do futebol amador em Catingueira – PB. **Esporte e Sociedade**, ano 10, n 24, Março (2015).

SILVA, Antonio L. O sertão para além da estética da boniteza da dor: Reflexões a partir de Catingueira – PB. **InterEspaço**, Grajaú/MA v. 3, n. 9 p. 66-87 maio/ago (2017).

SOUZA, Camilo Araújo M; VAZ, Alexandre F; BARTHOLLO, Tiago L; SOARES, Antonio Jorge

G. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.7-17, 85-111, 2008.

VARGAS, Ângelo L. Souza; GALVÃO, Ana Lúcia O. A construção do humano através do esporte como um direito inalienável. **Fitness & performance jornal**, nº. 4, pp. 262-267. 2007.

VIGOTSKI, Lev S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Trad. Zoia Prestes. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, nº 11, junho, 2008.